

# Complicações de uma estranha autoria (O que se comentou sobre textos que Chico Xavier atribuiu a Humberto de Campos)

Alexandre Caroli Rocha\*

## RESUMO:

Este artigo analisa a recepção de textos que Chico Xavier (1910-2002) atribuiu ao escritor Humberto de Campos (1886-1934). Poucos meses após a morte do escritor maranhense, o médium mineiro começou a atribuir-lhe textos psicografados, os quais foram comentados por alguns intelectuais brasileiros principalmente nos anos 30 e 40. Naquela época, Humberto de Campos era um dos cronistas mais lidos no país, ao passo que o jovem médium era ainda pouco conhecido<sup>1</sup>.

**Palavras-chave:** Chico Xavier. Humberto de Campos. Autoria. Psicografia.

## Introdução

Sobre Francisco Cândido Xavier, mais conhecido como Chico Xavier, existem atualmente centenas de livros, revistas, DVDs que falam de sua história e de sua obra (BARBOSA, 1997; SOUTO MAIOR, 2003; MACHADO, 2006; STOLL, 2003; LEWGOY, 2004, ROCHA, 2008). Sua singular atuação como médium, ao longo de 70 anos, transformou-o numa das personalidades mais populares do Brasil do século XX. Principal expoente do espiritismo brasileiro, publicou mais de 450 livros, que foram atribuídos a muitas centenas de autores “mortos”. Em 1981, concorreu ao Prêmio Nobel da Paz; em 2010, um filme baseado em sua biografia atraiu aos cinemas mais de três milhões de espectadores.

Em 1931, segundo seus relatos, conheceu Emmanuel, apresentado como seu orientador espiritual. No ano seguinte, já com dezenas de poemas atribuídos a poetas de língua portuguesa, Chico Xavier apresentou o trabalho à Federação Espírita Brasileira (FEB), que publicou seu primeiro livro: *Parnaso de além-túmulo* (XAVIER, 1994; ROCHA, 2001).

O escritor Humberto de Campos tomou conhecimento de Chico Xavier em 1932, ano em que escreveu duas crônicas a respeito de *Parnaso de além-túmulo*. Foram publicadas na primeira página do jornal *Diário Carioca*: “Poetas do outro mundo”<sup>2</sup>, no dia 10 de julho, e, dois dias depois, “Como cantam os mortos”<sup>3</sup>. Nelas, ressaltava que traços característicos dos poetas apareciam nos versos mediúnicos e, com uma ironia que lhe era típica, lamentava a ideia de que, *post-mortem*, continuassem a poetar, e de um modo muito semelhante a como escreviam em vida, o que não seria uma grata revelação<sup>4</sup>. O cronista morreu em dezembro de 1934.

Em fevereiro de 1935<sup>5</sup>, Chico Xavier sonhou com Humberto de Campos. Relatou seu sonho em carta de 30 de março do mesmo ano, dirigida a Manuel Quintão, um dos principais responsáveis pela primeira aceitação dos escritos do médium pela FEB.

Não sei se o amigo recebeu a minha última carta, mas, mesmo sem saber se o estou aborrecendo, envio-lhe outra, acompanhada de duas produções

mediúnicas recebidas por mim nesta semana. Peço-lhe a sua opinião muito franca sobre elas, desejando que me escreva em breves dias. Há mais de um mês tive um sonho engraçado. Sonhei que uma pessoa me apresentou Humberto de Campos, num lugar de céu muito azul e brilhante e no chão havia uma espécie de vegetação que não me deixava ver a terra. Não vi casa alguma. O que me impressionou mais é que as pessoas que eu via estavam sob uma árvore muito grande e tão branca que, quando o sol batia nas suas frondes de folhas muito delgadas, parecia uma grande árvore de cristal. Ele veio então ao meu lado e me estendeu a mão com bondade, dizendo: “Você é o menino do Parnaso?” Disse-me mais coisas das quais não me posso recordar.

Que diz o amigo de tudo isto? Seria a minha imaginação? Não sei. Em todo o caso, mando estas páginas para o senhor ler. Estão certas as citações? (XAVIER, 1935 apud BARBOSA, 1997, p. 39).

Essas duas produções enviadas a Quintão eram, provavelmente, os primeiros textos de Chico Xavier atribuídos a Humberto de Campos, visto que “A palavra dos ‘mortos” e “De um casarão de outro mundo” são datados de 27 de março de 1935, e “Carta aos que ficaram”, de 28 de março de 1935. Portanto, o intervalo entre a morte do escritor e o início dos textos mediúnicos a ele atribuídos foi de quase quatro meses.

De Pedro Leopoldo (MG), Chico Xavier enviava seus textos à FEB, no Rio de Janeiro. Parte desses textos atribuídos a Humberto de Campos foi publicada primeiramente no *Reformador* – revista da FEB, fundada em 1883 – e, depois, em livros: *Crônicas de além-túmulo*, em 1937; *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*, em 1938; *Novas mensagens*, em 1940; *Boa nova*, em 1941; *Reportagens de além-túmulo*, em 1943; *Lázaro redivivo*<sup>6</sup>, em 1945; *Luz acima*, em 1948; *Pontos e contos*, em 1951; *Contos e apólogos*, em 1958; *Contos desta e doutra vida*, em 1964; *Cartas e crônicas*, em 1966; e *Estante da vida*, em 1969.

## Uma amostra das repercussões do Humberto de Campos segundo Chico Xavier

No livro *O miolo e o pão* (REIS, 1986), publicado por ocasião dos 100 anos de nascimento de Humberto de Campos, o crítico Roberto Acízelo de Souza observa que o estabelecimento dos textos do escritor, com algum rigor, exigiria dos críticos textuais um longo trabalho, visto que as muitas edições de seus livros são verdadeiramente deficientes nesse aspecto. Após explicar três problemas das edições, expõe um último item, que diz respeito aos livros de Chico Xavier aos quais nos referimos:

[...] a obra do escritor maranhense, já por si tão extensa, por artes mediúnicas teria o seu *corpus* acrescido de mais algumas dezenas de livros<sup>7</sup>, psicografados pelo famoso Chico Xavier! Os organizadores deste volume não chegaram a estudar esse aspecto por assim dizer desencarnado do espólio literário de Humberto de Campos (REIS, 1986, p. 19)

Sobressai-se, neste trecho de um texto acadêmico, o componente inusitado da ideia de uma autoria mediúnica, e isso permite a mudança do tom do estudo, antes formal, agora menos, ao aludir a uma ampliação, por meio de Chico Xavier, da já extensa obra de Humberto de Campos. A estranheza suscitada pela autoria desses textos psicografados produziu diversas e contrastantes leituras. Apresento a seguir uma amostra dessas opiniões.

O colunista literário Eloy Pontes, em “Crônicas de além-túmulo”, publicado em *O Globo* de 12 de abril de 1935, comenta o primeiro texto mediúnico atribuído a Humberto de Campos, que fora

divulgado onze dias antes pelo *Reformador*. Esse artigo exemplifica a leitura que entende os escritos psicografados como pastiches, imitações de estilo.

Há tempos teve enorme voga na França a literatura de “pastiche”. A série de volumes *À la manière de...*, em que se macaqueavam estilos de prosadores e poetas, revelou formas de inteligência muito curiosas. Os mais notáveis escritores eram imitados com perfeição desconcertante. Todos os estilos têm estigmas e tiques, que caracterizam os autores. Os pastiches, por isso mesmo, exigem longos estudos. Entre nós o gênero passou a ser explorado pelo espiritismo com extraordinária segurança e sucesso muito justo. Foi o médium português Fernando de Lacerda<sup>8</sup> quem propagou o gênero aqui. Hoje em dia outros médiuns seguem os seus passos, alguns com talento digno de nota. Há tempos foi publicado um volume curiosíssimo de Guerra Junqueiro, colhido pelas antenas mediúnicas duma mulher do Pará<sup>9</sup>, que o prefácio afirma ser analfabeta. Os poemas do volume, pastichados da *Velhice do Padre Eterno*, eram Guerra Junqueiro puro. Depois tivemos versos de Hermes Fontes, mas já sem o mesmo talento. Mas não faz meses ainda, apareceu Victor Hugo, psicografado pela Sra. Zilda Gama<sup>10</sup>, escritora de talento, com perfeição... Os técnicos do *À la manière de...* se vão aperfeiçoando de modo curiosíssimo. Ainda agora aqui temos uma crônica de Humberto de Campos<sup>11</sup>, mandada do além-túmulo, por intermédio de um “caixeiro de venda”, psicógrafo hábil, que a recolheu em transe. O pastiche é perfeito. Todas as niquices, todos os clichês, todos os estigmas, todas as características do estilo daquele escritor se encontram aqui. Narra ele coisas pitorescas de além-túmulo, com aquela ironia procurada de sempre, não se esquecendo nem mesmo de nos dar conta dum encontro com Emílio de Menezes, que conserva o ventre, os hábitos e o sarcasmo. O gênero literário poderá ser explorado com proveito. Veja-se este lance: “Não trago do mundo, Senhor, nenhuma oferenda para a tua grandeza! Não possuo senão o coração, exausto de sentir e bater, como um vaso de iniquidades. Mas, no dia em que te lembrares do mísero pecador, que te contempla no teu doce mistério, como lâmpada de luz eterna, em torno da qual bailam os sóis como pirilampos acesos dentro da noite, fecha os teus olhos misericordiosos para as minhas fraquezas e deixa cair nesse vaso imundo uma raiz de açucenas. Então, Senhor, como já puseste lume nos meus olhos, que ainda choram, plantarás o lírio da paz no meu coração, que ainda sofre e ainda ama.” O livre Sr. José Olympio, que é assim uma espécie de proprietário feroz das glórias póstumas de Humberto de Campos, poderia bem explorar o “caixeiro de venda”, que tão enfronhado se mostra no gênero de imitar estilos mortos... (PONTES, 1935, p. 213).

Eloy Pontes é peremptório: a literatura mediúnica resulta da prática do pastiche, com a diferença de que, nessa nova modalidade espírita de imitação, o narrador se encontra no além-túmulo. Desse modo, as informações a respeito dos médiuns, fornecidas pelas editoras e referidas pelo colunista, seriam ou irônicas ou falsas. Note-se, portanto, que Pontes avalia aspectos intrínsecos da crônica atribuída a Humberto de Campos (os conteúdos, a construção textual, as semelhanças literárias) e infere procedimentos a ela extrínsecos<sup>12</sup>, relacionados à gênese da criação literária (o modo como Chico Xavier e outros médiuns compuseram os textos: por pastiche).

Essa distinção, de caráter didático, é importante para percebermos dois níveis de contato do leitor com o texto, que, embora não sejam estanques, pois se inter-relacionam, muitas vezes passam despercebidos no caso dos textos mediúnicos. O primeiro nível se limita à leitura e interpretação do texto, incluindo a relação deste com outros textos; o segundo nível envolve uma inferência baseada na concepção de realidade do leitor, quando este se propõe a responder a esta questão: *quem* concebeu o

texto? *Grosso modo*, essa leitura em dois níveis funciona da seguinte forma: suponhamos que alguns leitores julguem que determinado texto, apresentado como mediúnico e atribuído a um literato conhecido, satisfaz a uma expectativa de autoria (nível 1). Um outro passo, quando os leitores supostos se propõem a discutir a gênese desse texto, diz respeito à leitura de mundo por ele suscitada (nível 2). Para o leitor que não admite a possibilidade da comunicação entre vivos e mortos, será forçoso, se quiser entrar no mérito desse segundo nível, sustentar uma leitura semelhante à de Eloy Pontes, se supuser que o texto foi conscientemente elaborado por Chico Xavier. Por sua vez, o leitor que não descarta outras possibilidades explicativas preencherá o segundo nível de sua leitura também conforme sua concepção de realidade: a autoria, neste caso, poderá ser atribuída ao espírito do escritor morto; ao inconsciente do médium; a capacidades extrassensoriais do médium; a um milagre; ao diabo etc. Os próximos exemplos deixam clara essa distinção.

No artigo “XXXI” (sobre o livro *Fragmentos de um diário*), o escritor Eduardo Frieiro faz um breve comentário a respeito da produção de Chico Xavier atribuída a Humberto de Campos. É o último parágrafo do texto: “Nestes *Fragmentos de um Diário* encontra-se o mesmo acabado artista da prosa, tão invejado por muitos, até o dia em que o moço roceiro Chico Xavier, humilde cultor da literatura de além-túmulo, mostrou que não era difícil pastichá-lo” (FRIEIRO, 1955, p. 285).

A ideia do pastiche (nível 2), aqui, tem um desdobramento que modifica o olhar de Frieiro para a própria obra de Humberto de Campos (nível 1), a qual, ao contrário do que muitos pensavam, seria bem facilmente apreensível e imitável, uma vez que não só reaparecia na “literatura de além-túmulo”, mas pelas mãos do “roceiro” Chico Xavier. Em vez de dar crédito ao talento do “caipira”, como o fez Eloy Pontes, Frieiro preferiu desqualificar o de Humberto. A obra deste tem seu valor diminuído em decorrência de uma convicção do comentador: a de que Chico Xavier era um pastichador e só era capaz de imitar obras pouco sofisticadas<sup>13</sup>. Este é um bom exemplo para percebermos como a mundividência de um leitor (nível 2) pode definir o seu juízo sobre uma obra (nível 1).

O escritor R. Magalhães Júnior também comentou a produção mediúnica de Chico Xavier, em artigo publicado no jornal *A Noite* de 14 de agosto de 1944. A propósito, diversas matérias sobre este tema foram veiculadas pela grande imprensa em 1944, ano em que Chico Xavier e a FEB foram processados pela família de Humberto de Campos (ver TIMPONI, 1978; ROCHA, 2008). Consideremos o seguinte trecho do texto de Magalhães Júnior:

Quem leia durante sessenta dias, noite e dia, dia e noite, apenas Euclides da Cunha, escreverá no estilo de Euclides sem notável esforço, sem fazer uma ginástica mental muito dura. A mesma coisa acontece com quem leia Machado de Assis, com quem leia Castro Alves. Quanto mais pessoal for o escritor, tanto mais facilmente ele poderá ser imitado. Mas a imitação exige, sem dúvida, qualidades de inteligência, um bom fundo de cultura, lógica na escolha dos assuntos e na exposição das ideias, em suma, uma certa consciência dos valores literários – e digo isto falando apenas na imitação intencional, que se argüi contra o Sr. Francisco Cândido Xavier, aliás Chico Xavier. E por essas mesmas razões declaro que, se Chico Xavier é um embusteiro, é um embusteiro de talento. Para um homem que fez apenas o curso primário, sua riqueza vocabular é surpreendente. Sua facilidade de imitar seria um dom excepcionalíssimo, porque ele não imita apenas Humberto de Campos, mas Antero de Quental, Alphonsus de Guimarães, Artur Azevedo, Antonio Nobre, etc. [...]. Quem negar Chico Xavier como médium estará fazendo o seu elogio como pastichador (MAGALHÃES JÚNIOR, 1944 apud TIMPONI, 1978, p. 340-341).

Até a data deste artigo, Chico Xavier publicara 20 livros (menos de 5% do total atual). Magalhães Júnior levava em conta o *Parnaso de além-túmulo* e a série mediúnica Humberto de Campos, cujos textos são atribuídos a escritores conhecidos da literatura de língua portuguesa. Na passagem acima, o crítico explica como a imitação literária intencional costuma ser feita, para depois expor seu estranhamento com relação aos escritos de Chico Xavier, os quais não obedeceriam aos padrões do pastiche comum. Note-se que Magalhães Júnior, ao ratificar essa peculiaridade, evita uma conclusão definitiva sobre a gênese dos textos (nível 2): Chico Xavier pode ser entendido ou como médium ou como pastichador; neste último caso, seria um embusteiro de talento. Embusteiro se, na verdade, fosse um imitador de estilos, visto que ele sustentava que era médium, e não pastichador. A propósito, as alternativas que viam Chico Xavier ou como médium ou como pastichador eram recorrentes. O escritor Monteiro Lobato, que admitia a comunicação entre vivos e mortos (RIBAS, 1997), disse em entrevista: “Se o homem [Chico Xavier] realmente produziu por conta própria tudo o que vem no ‘Parnaso’, então ele pode estar em qualquer Academia, ocupando quantas cadeiras quiser...” (LOBATO, 1964, p. 200).

As convicções pessoais ocupam um eixo central nas polêmicas sobre *quem* concebia os textos escritos por Chico Xavier. O crítico Osório Borba, por exemplo, insurgia-se contra essas produções. Em 22 de junho de 1944, ele publicou no jornal *Tribuna* o artigo “Os defuntos escrevem mal”<sup>14</sup>, no qual expunha lapsos em poemas mediúnicos de Chico Xavier. Certo dia, foi a uma sessão espírita pública, em Pedro Leopoldo, para observar como o médium escrevia. Após a reunião, conheceram-se pessoalmente. Em entrevista, Chico Xavier lembrou este encontro nos seguintes termos:

[Osório Borba] Falou-me com bondade que continuava não acreditando que os Espíritos escrevessem por mim e que toda a produção que eu alegava receber do Mundo Espiritual era cousa minha mesmo. Mas me disse que acreditava em minha sinceridade e que eu não enganava os outros porque desejasse, mas sim porque eu era vítima de fenômenos ainda pouco estudados. Não concordei com ele, mas fiquei alegre pelo fato dele reconhecer a minha fé sincera e viva nos mensageiros do Mundo Espiritual. [...] Emmanuel, há muito tempo, já me ensinou que cada um de nós tem o direito de crer ou de não crer nisso ou naquilo. O Sr. Osório Borba tinha o direito de não acreditar em mim, como eu também, segundo creio, tenho o direito de acreditar nos espíritos que se comunicam por meu intermédio (XAVIER, s/d apud BARBOSA, 1997, p. 40-41).

Na suposição de Osório Borba, de acordo com as considerações acima, Chico Xavier era “vítima de fenômenos ainda pouco estudados”. Vimos que esse tipo de discussão (de nível 2) envolve as diferentes concepções de realidade abraçadas pelos leitores. E os comentários de Chico Xavier colocam à tona um dos problemas instalados por seus textos: ao contrário do senso comum materialista, os verbos *crer* e *acreditar* eram válidos não apenas a uma noção de realidade segundo a qual a comunicação entre vivos e mortos era ostensiva, mas também à noção de que tal intercâmbio era inexistente.

O professor de psiquiatria J. Melo Teixeira, que acompanhara o *modus operandi* do médium, interessava-se pelo fenômeno. Suas opiniões sobre os escritos de Chico Xavier atribuídos a escritores famosos foram publicadas no *Diário da Tarde* (Belo Horizonte) de 28 de julho de 1944.

Fazer “pastiche”, imitar o estilo de prosadores e poetas – “à la manière de” – depende de pendor e jeito especiais, exige prévia e diuturna leitura dos autores a imitar; paciente esforço de elaboração, de retoques, de policiamento da produção conseguida e isto em tentativas que demandam tempo.

Fazê-lo, como Chico Xavier o costuma, de improviso, numa elaboração e redação instantâneas, sem segundos sequer de meditação para coordenar ideias, passando em sucessão ininterrupta da prosa ao verso, da página de ficção para a de filosofia, ou moral; trasladando a composição para o papel em escrita manual vertiginosa que qualquer não consegue em trabalho de cópia ou quando reproduz um assunto que tenha de cor – é alguma coisa de inexplicável, que não está ao alcance de qualquer imitador de estilos ou amadores de contrafação literária.

Mas, vá que tal maravilha seja admissível: imita-se o estilo; a técnica do verso; o rimário preferido; o meneio da frase; a escolha do vocabulário; a feição e natureza das imagens. Mas, e as manifestações de cultura, de erudição, nos mais diversos assuntos, que o contexto revela? Também isso se pode imitar, improvisar?

Como explicar, dentro da imitação do estilo, as citações certas e adequadas de datas e fatos históricos; de acontecimentos e personalidades; os apêndices elucidativos do tema; as referências, comparações e conceitos científicos, críticos, filosóficos, literários, que somente um lastro de conhecimentos variados, sedimentados e sistematizados no tempo permitem e só dominados por leituras e estudos pregressos, devidamente meditados? Tudo isso é passível de imitação, de improvisação?

Improvisar cultura, erudição, conhecimento, é crer em “ciência infusa”; é admitir sabedoria de “geração espontânea”; é conceber erudição congênita ou hereditária. Não. O subconsciente recebe, registra, acumula e reproduz, fiel ou deformado, mas somente o que passou pela porta crítica da consciência. Não cria do nada. Conhecimento não se improvisa; adquire-se.

É precisamente o aspecto da erudição, a evidenciação de conhecimentos, o que mais ressalta, muito acima do estilo, e nos moldes culturais do autor, na obra póstuma do glorioso escritor maranhense [Humberto de Campos], como em outras páginas de prosa e particularmente nas poesias de Junqueiro, de Antero de Quental, de Hermes Fontes e mesmo de Augusto dos Anjos e vários outros (TEIXEIRA, 1944 apud TIMPONI, 1978, p. 314-316).

Nas observações de Melo Teixeira, existem alusões à sua leitura dos textos psicografados (nível 1), mas predomina a discussão sobre a gênese da criação literária de Chico Xavier (nível 2). Ainda que não defenda uma explicação para o caso, o psiquiatra descarta a alternativa do pastiche (intencional ou inconsciente). A reprodução do estilo, por ele entendido como o conjunto das preferências literárias – mais superficiais e apreensíveis – de um escritor, é colocada em segundo plano. O que mais lhe chamava a atenção, nos textos de Chico Xavier, eram as camadas de erudição, irredutíveis à simples imitação.

O desembargador Mário Matos expunha uma outra apreciação. Foi publicada em 2 de agosto de 1944, no mesmo *Diário da Tarde* – que na época fazia enquetes com intelectuais, a respeito das páginas de Chico Xavier.

Não há dúvida para mim de que o estilo das *Crônicas de Além-Túmulo* é semelhante ao que o autor revelava em vida. Estilo linear, com todas as regras de sintaxe, cheio das mil e uma maneiras técnicas de Humberto de Campos. Estilo que segue todas as normas do bem escrever, segundo o critério ginásial de Albat. E a semelhança se acusa tanto nas partes externas como nas intrínsecas. Sob este último critério, é admirável o comportamento jovial do prosador, através da escrita, traço característico da mentalidade do morto, quando era vivo. Aparece o gosto, que ele tinha, tanto da imagem como da comparação. Há a mesma natureza de cultura e a mesma similaridade de erudição. Citações

bíblicas, citações históricas, aplicação de casos e episódios ao assunto de que discorre. Sucodem-se igualmente as frases substantivas. Não sei se foi porque li as *Crônicas* astrais em hora propícia, mas verdade que achei o estilo do morto muito mais vivo.

Entretanto, similaridade de estilo, de cultura e de erudição não é prova “específica” de identidade, de autenticidade. Mas impressiona, de fato [...].

O professor Melo Teixeira declarou que assistiu a Francisco Xavier psicografar Humberto e que ele o fez a tratar de coisas diferentes. Isto me parece inexplicável. A atenção não se biparte quando concentrada em qualquer assunto. Quem escreve ou fala não pode pensar em coisa diferente da sobre que escreve ou está falando. Se Xavier psicografa assim, certamente que não é ele quem está atuando mentalmente. É outro. Principalmente, como diz Melo Teixeira, se o faz com vertiginosidade.

Aqui há um fenômeno, estranho. Mas eu resolvo a complicação cá ao meu modo. Os espíritos o solucionam pelo deles. Para eles, é o Humberto quem está ditando as ideias. Para mim, é o Diabo. Sempre o Diabo as arma. Sua finalidade diabólica é a de confundir e apoquentar os homens. Para ele se disfarçar em Humberto, em Victor Hugo ou em Antero de Quental, é coisa fácilíssima. É como nunca realiza obra perfeita, a maior parte das imitações é inferior às obras dos autores imitados, já conhecidas por nós. É por isso que faz Junqueiro escrever versos de pés quebrados e estrofia de vez em quando sonetos do Quental. Este é o sinal de suas obras. É decalquista de sua própria natureza (MATOS, 1944 apud TIMPONI, 1978, p. 332-333).

As considerações de Mário Matos são um claro exemplo dos dois níveis de leitura a que venho me referindo. O primeiro parágrafo citado acima examina os textos de *Crônicas de além-túmulo*, relacionando-os com a obra de Humberto de Campos (nível 1). Os outros parágrafos discutem a gênese das páginas de Chico Xavier (nível 2). Com base em sua leitura e nas informações de Melo Teixeira, o desembargador apresenta seu parecer sobre *quem* concebera os textos. Para Mário Matos, o verdadeiro autor dos escritos de Chico Xavier era o diabo<sup>15</sup>, capaz de decalcar os escritores, mas deixando um rastro de imperfeição, a denunciar a sua natureza. Como se vê, as psicografias acionavam um variado repertório de convicções. E quando estas escapavam de explicações facilitadoras – como a do pastiche, que se limita ao senso comum materialista –, as representações do além vinham à tona.

Na revista *Reformador* de agosto de 1944, Marcílio Gonzaga publicou o artigo “Palavras de Humberto de Campos”. Ele retoma a crônica “Poetas do outro mundo” – sobre o *Parnaso de além-túmulo* –, na qual o escritor maranhense protesta contra a concorrência dos autores espirituais. E comenta:

Por aquele tempo, Humberto de Campos ainda não percebia que o seu talento representava missão sagrada e não simples recurso de ganhar o pão de cada dia para si e sua família; que era um sacerdócio para o serviço de Deus, como todos os talentos geniais. Três meses apenas depois de transpor o limiar da outra vida, compreendeu tudo e voltou, não mais se importando de fazer concorrência aos outros literatos e até a si mesmo, segundo se deve depreender da ação que anda em juízo, movida pelos seus herdeiros. É que já progrediu mais e agora percebe sua missão divina de ajudar os homens a elevar-se para Deus. Foi muito feliz! (GONZAGA, 1944).

Além de uma noção particular de literatura, entendida como sagrada missão, destaca-se nesse parágrafo a assimilação, que vai ao encontro da teoria espírita, de que o autor dos textos é o espírito de

Humberto de Campos (nível 2). Este é um exemplo de leitura que aceita a alegação do médium. Em 12 de agosto de 1944, *O Estado de S. Paulo* publicou o artigo “Chico Xavier”, do romancista Mário Donato. Seguem os dois últimos parágrafos do texto:

Dei-me ao trabalho de examinar grande número de “mensagens psicografadas” por Chico Xavier e vários outros médiuns; e, francamente, como não posso admitir que um homem, por mais ilustrado que seja, consiga “pastichar” tão magnificamente autores como Humberto de Campos, Antero de Quental, Augusto dos Anjos, Guerra Junqueiro e, se não me engano, Victor Hugo e Napoleão Bonaparte<sup>16</sup>, opto pela explicação do sobrenatural, que não satisfaz à minha consciência, é verdade, mas apazigua a minha humaníssima vaidade de literato. Pode lá um homem avultar tantos palmos, por suas próprias forças, sobre a cabeça dos demais? Pode lá plagiar, velozmente como o faz o Chico, Humberto, Antero e outros do mesmo naipe, a quem não se “pasticha” senão depois de larga experiência literária e trabalhosa noite de insônia? Não, absolutamente. É milagre. Coisas assim não podem ser senão milagre, puro milagre. Há qualquer intervenção sobre-humana no fato; não porque o diz Chico Xavier, mas porque assim o exige a nossa arrogância. O dedo do Diabo, dir-se-ia nos velhos tempos em que a Inquisição delimitava o conhecimento segundo a própria estupidez; o dedo de Deus, dizemos hoje, mais dispostos a atribuir ao Senhor, e não ao Tinhoso, a responsabilidade pela confusão em que anda o mundo e seu conteúdo. O que, no fundo, revela que a nossa explicação é menos bem intencionada que a dos inquisidores...

Positivamente não aceito a autoria de Chico Xavier, e aceito a de Humberto, como a de Antero, Napoleão, Dumas e qualquer outro que, do lado de lá, tenha o mau gosto de praticar literatura. E creio que essa é a atitude mais humana, a mais condizente com a nossa falta de humildade. É milagre, e o milagre, não explicando nada, explica tudo. Pois se não admitirmos que o caso é milagroso, temos que levar o Chico Xavier à Academia Brasileira de Letras – e, naturalmente, estamos mais dispostos a reconhecer-lhe amizade no Céu que direitos literários ao Petit Trianon (DONATO, 1944 apud TIMPONI, 1978, p. 348-349).

O autor de *Presença de Anita* alude à sua avaliação dos textos mediúnicos para expor sua opinião a respeito da gênese dos escritos de Chico Xavier. Ciente de que, ao falar dessa complexa atribuição de autoria, fala também de suas próprias convicções, e portanto de si, Mário Donato graceja com sua condição de escritor. Ele diz preferir uma explicação sobrenatural para a autoria daqueles textos, porque sua vaidade de literato seria ferida caso aceitasse Chico Xavier como seu legítimo concorrente. Desse modo, para uma melhor divisão de espaços, mais apropriado seria aceitar as amizades celestes do médium.

As relações entre as leituras de nível 1 e nível 2, no entanto, nem sempre eram amistosas. O gracejo com as próprias convicções era limitado. Um significativo exemplo de conflito por causa de um texto mediúnico ocorreu com o crítico Agrippino Grieco. Em 30 de julho de 1939, ele acompanhou uma sessão espírita pública, em Belo Horizonte, ao lado de Chico Xavier, que psicografou, na ocasião, um poema atribuído a Augusto dos Anjos e uma carta assinada por Humberto de Campos e dirigida a Agrippino, que fora seu conhecido. Em entrevista ao *Diário da Noite* de 21 de setembro de 1939, disse o crítico:

[...] não podendo aceitar sem maior exame a certeza de um *pastiche*, de uma paródia, tive, como crítico literário que há trinta anos estuda a mecânica dos estilos, a sensação instantânea de percorrer um manuscrito inédito do memorialista glorioso.

Eram em tudo os processos de Humberto de Campos, a sua amenidade, a sua vontade de parecer austero, o seu tom entre ligeiro e conselheiral. Alusões à Grécia e ao Egito, à Acrópole, a Tirésias, ao véu de Ísis muito ao agrado do autor dos *Carvalhos e Roseiras*. Uma referência a Sainte-Beuve, crítico predileto de nós ambos, mestre de gosto e clareza que Humberto não se cansava de exaltar em suas palestras, que não me canso de exaltar em minhas palestras. Conjunto bem articulado. Uma crônica, em suma, que, dada a ler a qualquer leitor de mediana instrução, logo lhe arrancaria este comentário: “É Humberto puro!” Fiquei naturalmente aturdido... Depois disso, já muitos dias decorreram e não sei como elucidar o caso. Fenômeno nervoso? Intervenção extra-humana? Faltam-me estudos especializados para concluir. Além do mais, recebi educação católica e sou um entusiasta dos gênios e heróis que tanto prestígio asseguram à religião que produziu um Santo Antônio de Pádua e um Bossuet. Meu livro *São Francisco de Assis e a Poesia Cristã* aí se encontra, a testemunhar quanto venero a ética e a estética da Igreja. Mas – repito-o com a maior lealdade – a mensagem subscrita por Humberto de Campos profundamente me impressionou... (GRIECO, 1944 apud TIMPONI, 1978, p. 67-68).

Observe-se que a existência de um texto mediúnico que cumpra uma expectativa de autoria não é suficiente para a identificação de quem o ideou; para a atribuição autoral, são necessários fatores externos ao texto. No presente caso, o fato de a autoria reivindicada remeter-nos a um escritor “morto” representa, para grande parte dos leitores, um impedimento de natureza externa ao texto, que tem a ver com noções de realidade. A tensão que se observa na fala de Agrippino advém do conflito entre sua interpretação da carta que recebera (nível 1) e sua tentativa de compreender como se dera a concepção daquele texto (nível 2). Na leitura do crítico, a expectativa de autoria fora cumprida, mas o fato de o amigo que assinava a carta ter falecido há mais de quatro anos impunha o dilema. Sem uma resposta definitiva, Agrippino levantava algumas possibilidades explicativas: pastiche; paródia; fenômeno nervoso; intervenção extra-humana. E fazia questão de reafirmar suas convicções católicas, uma vez que a ordem de problemas levantada pela psicografia esbarra em domínios religiosos.

Em ficção, a série mediúnica aparece no livro *A vaca e o hipogrifo*, de Mario Quintana, em um pequeno texto intitulado “Perversidade”:

Alguém me disse, com a voz embargada, que agora sim, estava convencido da existência de Deus, porque os trabalhos psicografados de Humberto de Campos eram evidentemente dele mesmo.

– Mas isto não prova a existência de Deus... Prova apenas a existência de Humberto de Campos (QUINTANA, 1977, p. 51).

Nessa narrativa, Quintana brinca com os limites da leitura de mundo suscitada pelos textos atribuídos a Humberto de Campos. O primeiro leitor, convencido de que o verdadeiro autor dos escritos era o próprio Humberto de Campos, também inferiu a imortalidade do espírito e a existência de Deus. O segundo leitor, menos propenso a silogismos envolvendo representações do além, interpretou os textos mediúnicos como prova da existência de Humberto de Campos (apenas como texto ou como espírito que sobrevive à morte física?); não mais que isso.

## Considerações finais

Este estudo permite a identificação de pontos importantes suscitados pela configuração autoral sustentada por Chico Xavier e por seus editores, segundo a qual o médium é o autor empírico, mas

não o autor intelectual dos textos. Vimos que não é pertinente a pressuposição de que, por meio apenas de fatores textuais, seja possível autenticar ou refutar a alegação do médium. Mostramos que os textos colocam à tona a discussão a respeito do *post-mortem*, tema que, nos ambientes acadêmicos, costuma ser relegado a domínios metafísicos ou religiosos. Concluímos, pois, que os veredictos taxativos para a identificação do autor são possíveis somente com a assunção de uma determinada teoria sobre o *post-mortem* ou sobre o fenômeno mediúnico. Quando, no debate autoral, ignora-se a relação entre teoria e texto, percebemos que a apreensão deste é bastante escorregadia, mesmo entre leitores especialistas.

## Complications of a strange authorship (what was commented on the texts Chico Xavier attributed to Humberto de Campos)

### ABSTRACT:

This article analyses the reception of texts that the Brazilian medium Chico Xavier (1910-2002) attributed to the writer Humberto de Campos (1886-1934). A few months after the death of de Campos (who was born in the state of Maranhão), Xavier (born in the state of Minas Gerais) began to ascribe him psychographic texts, which were discussed by some Brazilian intellectuals especially in the 1930s and 1940s. At that time, Humberto de Campos was one of the most widely read chronicler in the country, whereas the young medium was still little known.

**Keywords:** Chico Xavier. Humberto de Campos. Authorship. Psychography.

### Notas explicativas

- \* Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp, atualmente faz pós-doutorado na USP.
- <sup>1</sup> O material deste artigo provém, embora com modificações, de minha tese de doutorado: *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade* (ROCHA, 2008), orientada pelo Prof. Dr. Haquira Osakabe e financiada pela Fapesp.
  - <sup>2</sup> Eis uma passagem dessa crônica: “O primeiro pensamento que assalta o leitor, antes de examinar o merecimento literário da obra, é a ideia de que, nem no outro mundo, estará livre dos poetas. A poesia é uma predestinação de tal modo fatal, irremediável, que a vítima não se livra dessa maldição nem, mesmo, depois da morte” (CAMPOS, 1932a).
  - <sup>3</sup> Dessa outra, eis o último parágrafo: “O *Parnaso de Além-Túmulo* merece, como se vê, a atenção dos estudiosos, que poderão dizer o que há, nele, de sobrenatural ou de mistificação. No primeiro caso, o outro mundo deve ser insuportável, com os poetas que lá se acham. E pior será, ainda, se houver, também, por lá, declamadoras...” (CAMPOS, 1932b).
  - <sup>4</sup> As objeções de Humberto de Campos ao livro de poemas psicografados foram rebatidas no texto mediúnico “Aos críticos do ‘Parnaso de além-túmulo’”, escrito por Chico Xavier e atribuído a Eça de Queirós (XAVIER, 1933).
  - <sup>5</sup> Também em 1935, foi publicado o segundo livro de Chico Xavier, *Cartas de uma morta*, atribuído a Maria João de Deus, sua mãe.
  - <sup>6</sup> A partir de *Lázaro redivivo*, os livros citados datados de 1945 a 1969 são atribuídos a Irmão X, que é apresentado pelo médium como um pseudônimo do autor espiritual Humberto de Campos (ROCHA, 2008).
  - <sup>7</sup> Houve aí um exagero numérico, uma vez que essa produção não chega a duas dezenas de livros. (Nota minha.)
  - <sup>8</sup> As obras mediúnicas *Do país da luz* (4 volumes) e *Eça de Queirós, póstumo*, de Fernando de Lacerda e Chico Xavier, continuam sendo publicadas pela FEB.
  - <sup>9</sup> Refere-se ao livro *Os funerais da Santa Sé*, escrito pela médium América Delgado, ainda publicado pela FEB.
  - <sup>10</sup> A FEB ainda publica cinco romances de Zilda Gama atribuídos a Victor Hugo.

- <sup>11</sup> Refere-se à crônica “De um casarão do outro mundo”, que faz parte do livro *Crônicas de além-túmulo* (por sinal, título idêntico ao do artigo de Eloy Pontes, anterior ao livro).
- <sup>12</sup> Essa distinção entre aspectos literários extrínsecos e intrínsecos é uma aplicação que faço com base em Wellek e Warren (1966).
- <sup>13</sup> Como a noção de autor está diretamente ligada à noção de obra (o autor existe em função de sua obra), é fácil perceber o conflito que geravam as supostas extensões mediúnicas da obra de Humberto de Campos, considerada devidamente concluída por causa da morte do autor.
- <sup>14</sup> Este artigo de Osório Borba foi comentado por Carlos Imbassahy no *Reformador* de novembro de 1944.
- <sup>15</sup> Sobre a ideia demonista em relação à psicografia de Chico Xavier, a partir de opiniões do escritor católico Tristão de Athaíde, ver Bertolli Filho, 1997.
- <sup>16</sup> O autor se enganou nesta passagem: foi o médium português Fernando de Lacerda, e não Chico Xavier, quem atribuiu textos a Victor Hugo e a Napoleão (LACERDA, 1990).

## Referências

- AUBRÉE, M.; LAPLANTINE, F. *La table, le livre, et les esprits: naissance, évolution et actualité du mouvement social spirite entre France et Brésil*. Paris: J. C. Lattès, 1990. 342 p.
- BARBOSA, E. *No mundo de Chico Xavier*. 9. ed. Araras: IDE, 1997. 166 p.
- BERTOLLI FILHO, C. O quase silêncio da história: a literatura espírita e a crítica literária brasileira. In: AGUIAR, Flávio et al. *Gêneros de fronteira – Cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Editora Xamã, 1997. p. 295-323.
- CAMPOS, H. de. Poetas do outro mundo. *Diário Carioca*, 10 de julho de 1932a.
- \_\_\_\_\_. Como cantam os mortos... . *Diário Carioca*, 12 de julho de 1932b.
- \_\_\_\_\_. *Fragmentos de um diário*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito, 1960. 275 p.
- COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. 303 p.
- \_\_\_\_\_. *Qu'est-ce qu'un auteur?*: cours d'Antoine Compagnon. Disponível em: <<http://www.fabula.org/compagnon/auteur.php>>. Acesso em: 30 mar 2007.
- FRIEIRO, E. *Páginas de crítica e outros estudos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1950. 443 p.
- GAMA, Z. *Na sombra e na luz* [Victor Hugo]. Rio de Janeiro: FEB, 2007. 390 p.
- GONZAGA, M. Palavras de Humberto de Campos. *Reformador*, ago. 1944, p. 174.
- IMBASSAHY, C. Um artigo do sr. Osório Borba. *Reformador*, nov. 1944, p. 254-256.
- LACERDA, F. de. *Do país da luz*, v. 1 [Diversos autores]. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990. 238 p.
- LACERDA, F. de; XAVIER, F. C. *Eça de Queirós, póstumo* [Eça de Queirós]. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999. 232 p.
- LEWGOY, B. *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru, SP: Edusc, 2004. 135 p.
- LOBATO, M. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1964. 289 p.
- MACHADO, U. *Chico Xavier, uma vida de amor*. 5. ed. Araras, SP: IDE, 2006. 127 p.
- PONTES, E. Crônicas de além-túmulo. In: *Reformador*, 1º de maio de 1935, p. 213.
- QUINTANA, M. *A vaca e o hipogrifo*. Porto Alegre: Garatuja, 1977. 132 p.
- REIS, R. (Coord.). *O miolo e o pão: estudo crítico e antologia de Humberto de Campos*. Niterói: Universidade Federal Fluminense; Brasília, INL, 1986. 240 p.
- RIBAS, M. J. S. *Monteiro Lobato e o espiritismo*. 2. ed. São Paulo: Nova Luz Editora, 1977, 125 p.

- ROCHA, A. C. *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*. 2008. 274 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- \_\_\_\_\_. *A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo*. 2001. 233 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- SOUTO MAIOR, M. *As vidas de Chico Xavier*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Planeta, 2003. 271 p.
- STOLL, S. J. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Edusp; Curitiba: Orion, 2003. 293 p.
- TIMPONI, M. *A psicografia ante os tribunais*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1978. 408 p.
- WELLEK, R.; WARREN, A. *Teoría literária*. 4. ed. Madrid: Gredos, 1966. 430 p.
- XAVIER, F. C. Aos críticos do “Parnaso de além-túmulo” [Eça de Queirós]. *Reformador*, 1933, p. 177-179.
- \_\_\_\_\_. *Palavras do infinito* [Diversos autores]. 6. ed. São Paulo: Lake, 1982. 123 p.
- \_\_\_\_\_. *Cartas de uma morta* [Maria João de Deus]. 9. ed. São Paulo: Lake, 1984. 86 p.
- \_\_\_\_\_. *Luz acima* [Irmão X]. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993. 214 p.
- \_\_\_\_\_. *Parnaso de além-túmulo*. 14. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1994. 453 p.
- \_\_\_\_\_. *Pontos e contos* [Irmão X]. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. 265 p.
- \_\_\_\_\_. *Estante da vida* [Irmão X]. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. 182 p.
- \_\_\_\_\_. *Novas mensagens* [Humberto de Campos]. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995. 159 p.
- \_\_\_\_\_. *Lázaro redivivo* [Irmão X]. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995. 263 p.
- \_\_\_\_\_. *Contos e apólogos* [Irmão X]. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995. 177 p.
- \_\_\_\_\_. *Contos desta e doutra vida* [Irmão X]. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995. 193 p.
- \_\_\_\_\_. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho* [Humberto de Campos]. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996. 238 p.
- \_\_\_\_\_. *Reportagens do além-túmulo* [Humberto de Campos]. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997. 252 p.
- \_\_\_\_\_. *Crônicas de além-túmulo* [Humberto de Campos]. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. 218 p.
- \_\_\_\_\_. *Boa nova* [Humberto de Campos]. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. 208 p.
- \_\_\_\_\_. *Cartas e crônicas* [Irmão X]. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. 181 p.

Recebido em: 30 de maio de 2012

Aprovado em: 5 de novembro de 2012